

Narrativas de si: lugares da memória

Tânia Regina Oliveira Ramos*

Resumo

Uma breve história da escrita feminina como tentativa de mostrar que a invisibilidade pode se dar por uma história patriarcal e pelas relações de poder. No entanto, da literatura de viajantes até a era da cibernética muita coisa foi dada a ler nesta história literária escrita por mulheres.

Palavras-chave: Literatura. Escrita feminina. Cibernética.

Introdução

Para dar início a essa trama discursiva sugiro que travemos dois ou três dedos de prosa, seja lá o que isso signifique de fato. É um convite. E por que razão? Quero dizer/pensar sobre narrativas de si, mas muito mais sobre um assunto que me tem tocado profundamente, especialmente nesta fase de trocas de *e-mails*, de *posts* no Orkut, em *blogs* etc.: os lugares da memória, as escritas de mulheres, as narrativas de si.

A exemplo de tantos outros companheiros e companheiras geracionais, escrevi muitas cartas. Tantas que a minha tese de doutorado sobre memórias de escritores começa assim:

* Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina. Fez seu mestrado e doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; coordena o curso de pós-graduação em Literatura e o núcleo Literatura e Memória. É uma das organizadoras do Seminário Internacional "Fazendo Gênero." Organizou o livro *Falas de gênero* (Editora Mulheres) e *Leituras em Rede: gênero e preconceito* e tem vários ensaios e artigos publicados sobre narrativas de si e textualidades contemporâneas.

Data de submissão: junho de 2009. Data de aceite: julho de 2009.

Se relatei meu dia a dia, nas cartas quase diárias, não foi pela importância dos acontecimentos ou das coisas que lembrava naquele cotidiano de um apartamento de quarto e sala no Rio de Janeiro. Fazer o texto do meu cotidiano, não em um diário, mas em cartas, endereçadas, em sua grande maioria, aos meus pais, irmão e a uma amiga, era uma prática salutar, a oportunidade que tinha de me ocupar comigo mesma, em uma experiência diária do exercício de memória. As cartas me transformavam em uma leitora de mim mesma, ainda que eu não me contentasse com um texto sem destinatário... Tenho saudade desse paciente exercício. Fora do que considerei exílio perdi o prazer da escrita solitária e das coisas acontecidas nas margens da tese. Deixei de prestar atenção ao meu redor para contar as coisas prosaicas do cotidiano. Hoje desejo que de alguma forma que as minhas cartas tenham feito parte das memórias de quem me leu. Um dia, quem sabe, poderão me reinventar. Com saudade e com muita imaginação. Rio – março de 1987 / Florianópolis – abril de 1990.

Minha opção para este texto, então, está centrada em alguns aspectos da história das mulheres, a minha, inclusive. Melhor ainda: sobre a história das escritas de mulheres. Começo, então, com as cartas de viajantes estrangeiras que mostraram como, já na metade do século XIX, as mulheres brancas brasileiras tinham um profundo desejo de estudar, de ampliar seus conhecimentos, de ir além do que lhes era domesticamente ensinado: contar, rezar, um sofrível francês e conhecimento musical, o que exigia horas e horas sentada em um piano, sem tempo de pensar em “bobagens” ou trivialidades.

Foi dentro de um conjunto sociocultural opressor, no século XIX, que a pena

feminina afirmou-se no espaço das narrativas de si, mais do que pensávamos. Imersas numa cultura que estratificou a criação literária como um exercício masculino, as mulheres escritoras oitocentistas deixaram escritas muitas narrativas e poemas, embora a tradição literária as fadasse durante muito tempo à invisibilidade. Vejamos o que nos disse no século XIX uma de nossas mais importantes escritoras Júlia Lopes de Almeida: “Sou uma boneca de carne e osso; não sou mais nada. A minha dependência é o motivo de felicidade que todos celebram em redor de mim. A minha pena é pensar estas coisas e saber dizê-las.”¹

O rótulo mais difundido acerca da literatura de autoria feminina – pela historiografia literária – é aquele que a enquadrava como uma literatura menor, sem valor, sem qualidades geralmente atribuídas à escrita masculina – como se tivéssemos feito durante muito tempo uma ficção doméstica. Uma boa nomenclatura. A ficção doméstica registrava os afazeres corriqueiros do cotidiano, culturalmente atribuídos ao universo feminino: cuidados da casa, preparo dos alimentos, as ordens dadas aos empregados domésticos (predominantemente, mulheres), organização da cozinha, a limpeza em geral – armários, roupas de cama, jardinagem, enfim, tudo, ou quase tudo que fosse específico, que estivesse sob o domínio da mulher. Não esqueçamos que a palavra domínio vem de *domus*, senhor. Clarice Lispector, Nelida Pinon, Ligia Fagundes Teles e

tantas outras escritoras brasileiras do século XX descreveram isso muito bem. O importante nessa leitura é percebermos que as mulheres, ao contrário do que se pensou durante anos, pegaram da pena e fizeram literatura, assumindo o papel a que se propuseram. Assim, elas comprovaram e testemunharam um momento importante da história cultural, embora para a historiografia fossem consideradas sombras, destinadas ao silêncio, à submissão.

Este meu interesse pela escrita feminina no século XIX se deve à minha inserção na segunda etapa do projeto de 27 pesquisadoras, coordenado pela professora Zahidé Muzart, para o resgate de 108 mulheres que escreveram cartas, contos, poesias, romances no século XIX e que por mais de cem anos foram silenciadas pela história da literatura, ou mesmo pela história da leitura no Brasil.² Some-se a isso a pesquisa que desenvolvi em um projeto sobre textualidades contemporâneas, quando procurei fazer um levantamento de escritas femininas na contemporaneidade.

Foi nesta fase que li e estudei duas antologias organizadas por Luiz Rufatto: *25 mulheres que fazem a nova literatura brasileira* e *30 mulheres que fazem a nova literatura brasileira*. Cinquenta e cinco nomes foram elencados. Não há da parte do organizador uma outra explicação sobre o processo de seleção se não a de que escolheu as autoras que começaram a publicar prosa de ficção a partir de 1990, sem limite de idade, tema,

ideologia, estilo ou extensão do trabalho. Segundo ele, apenas se exigiu ineditismo dos textos. Houve, no entanto, uma preocupação por parte da Editora Record e do organizador de registrar a geografia que percorre seus dois volumes. Fiz o exercício de contabilizar: vinte e uma nasceram no Rio de Janeiro; onze, em São Paulo; seis, no Rio Grande do Sul; cinco, em Minas Gerais; duas, na Bahia; duas, em Goiás; duas, no Paraná; uma, em Santa Catarina; uma, na Paraíba; uma, no Espírito Santo; uma, no Ceará, e, paradoxalmente, uma em Portugal e uma na Argentina.

Nessa matemática de inclusões exclusões, o que merece ser destacado é como essas autoras são apresentadas. Antecedendo cada um dos contos, o organizador dedica literalmente duas linhas para cada uma delas: nome, cidade natal, ano de nascimento, profissão e onde mora atualmente. Porém, somando-se esses fragmentos, esses minicurrículos, essas minibiografias, construímos um painel significativo para a história contemporânea da literatura brasileira.

Nessa economia biográfica nos são informadas as profissões das cinquenta e cinco mulheres. Elas fazem parte de um universo humanístico voltado para a linguagem, para a palavra e para a expressão artística, quase todas voltadas para narrativas de si e lugares da memória: dez jornalistas, três funcionárias públicas, dez formadas em letras, duas em música, quatro publicitárias, uma pedagoga, uma psicanalista, oito profes-

soras, uma socióloga, uma roteirista, três tradutoras, uma shiatsuterapeuta, uma arquiteta, duas editoras, uma crítica de arte, uma religiosa... Dez se assumem escritoras e uma é declarada “escritora profissional”.

Tão importante quanto este lugar de onde falam ou asseguram a sua sobrevivência é a constatação da produtividade literária dessas mulheres contemporâneas (apenas duas ainda são inéditas). Elas escreveram na última década: sete novelas, 55 livros de contos, 22 livros de poesia, duas biografias, 53 romances, 23 livros de ensaios, um livro-reportagem, um livro de autoajuda, uma peça de teatro... São 165 livros. Quem os leu? Onde estão? Quem os publicou? Quando daremos visibilidade a essa produção? Por onde elas transitam? Onde elas estão inscrevendo suas histórias de vida? Que corpo feminino é este? Que visibilidade física têm essas mulheres? Como são seus rostos? Quando faremos a arqueologia desses textos? Será que elas não correm o risco de ficar tão invisíveis quanto as mulheres que escreveram no século XIX?³

Alio o meu olhar crítico sobre esta escrita mais canônica, mais editorial, com as escritas de si de pessoas comuns, ou melhor: as escritas de si e o lugar das memórias de mulheres que escrevem em outros espaços. Como a escrita de cada uma ou de cada um de vocês que está aqui. Quando, para minha tese de doutorado, pesquisei textos memorialísticos na história da cultura brasileira

contemporânea, escrevi um ensaio que foi ponto de partida para outras inquietações. O texto se chamava “Meninas atrevidas, o que é que não vão dizer?” Nele eu fazia a primeira reflexão sobre diários de meninas. Eu me perguntava, já ali, por que continuávamos dando às adolescentes diários com chave? E qual estava sendo a reação das adolescentes no início da década de 1990 sobre essa prática da escrita de diários?

Chamava-me atenção uma resistência para este texto silenciado e silencioso e exemplificava com minha sobrinha Fernanda. Aos 12 anos ela me deu um diário seu, para fazer rascunho, acompanhado do comentário: “Fica com ele, tia. Odeio ganhar diário. Nem sei onde estão os outros.” Perguntei-lhe se não se importaria se eu lesse o que nele estava escrito. Ela me respondeu: “Pode ler, *se quiser*.” Surpreendentemente, noto que Fernanda havia me dado um diário vazio até eu encontrar, quase no fim, uma página escrita por ela. Um texto a lápis, o único de seu diário, a letra firme: “Querido Diário. Aqui termina meu ANTIGO TESTAMENTO e começa meu NOVO TESTAMENTO. Fernanda.”

Fernanda, influenciada pelo seu novo colégio religioso, escreveu uma bíblia sem palavras. A lápis. Não quis ser sujeito. O texto foi o sujeito: o meu Novo testamento *começa*... Todo o resto, silêncio. Um ato político de não querer mais escrever um livro de leitura proibida. Foi a sua geração na década de 1980 que começou a escrever lembretes, citações, poemas,

fazer colagens, espécies de videocliques, nas agendas anuais.⁴

Quando examinei as agendas de adolescentes constatei a possibilidade de ouvir uma fala fragmentada que saía desse lugar tenso da contemporaneidade: uma nova versão dos diários ou cadernos, que em tempos passados abrigavam a intimidade inenarrável de jovens a ponto de procurarem registrar a descoberta dos primeiros amores ou a angústia da solidão. Nas agendas modernas estavam as excentricidades nem sempre reproduzíveis nas (im)possíveis memórias registradas nos diários, gênero frequente na tradição histórico-literária.

O que eram (e ainda são) essas agendas? Um peculiar espaço textual, um objeto do desejo, o mesmo desejo que fazia as garotas consumirem jeans, camisetas, tênis e mochilas, que explicitava o *status*, perante o grupo social, do uso de certas grifes da moda. Colorida, capa plastificada, emborrachada, de couro, da tribo, ao mesmo tempo em que assumia uma função social e econômica, esse nem tão obscuro objeto passava a ser extensão do corpo num ir e vir diário, em espaços públicos e privados, transformando-se num depósito de recados, adesivos, recortes, clips coloridos, papéis de bala, ingressos para shows, desenhos cuidadosamente elaborados, palavras e frases multicores numa exposição de criatividade em torno de nomes e especificações aparentemente inúteis. Na ocasião eu afirmava: finalmente, a mulher encontra a possibilidade de escrever sua vida em um

livro aberto e não mais terá de procurar abrigo para a sua escrita na solidão do quarto.

A leitura das agendas, feita por mim, foram todas autorizadas pelas autoras. Isso equivale a dizer que, ao me transformar em leitora desses textos da intimidade, ocupei um lugar que parecia já estar previsto, porque as agendas não contêm, como os diários, um texto pessoal, íntimo e indevassável. Em outras palavras quero dizer que, ao transgredir através da leitura dessas intimidades, oferecidas para a minha pesquisa com muita tranquilidade pelas jovens adolescentes, pela interrupção do silêncio a que esses textos eram submetidos ao término de cada ano, descobri um viés bastante fecundo para compreender uma escrita que se faz à parte da instituição literária e que se quer à margem da instituição familiar. A obrigatoriedade da escrita da agenda não vem da família nem da escola.

As agendas selecionadas na pesquisa foram escritas por garotas na faixa dos 13 aos 17 anos, de diferentes contextos econômicos. Mais do que descobrir seus mecanismos de produção, o que seria a leitura ideal, procurei sistematizar algumas ideias que reforçassem a seguinte hipótese: as agendas fornecem um importante material para o conhecimento de fragmentos de uma história de formação da nova mulher, até porque os limites desse gênero são tão fluidos quanto necessários para incluir textos como essas anotações de meninas, produzidas

em diferentes circunstâncias históricas e sociais: “Diário é coisa muito chata. Tem que colocar tudo o que aconteceu e nem dá para colar nada. *Agenda é mais moderno*”, escreve uma das autoras.

Outro aspecto constatado é que as agendas revelavam uma necessidade de se pensar a vida não na forma de um contínuo cronológico e progressivo como os diários, mas de modo fragmentário e disperso. Parece que tudo se torna puro registro, e como uma gaveta desarrumada, repleta de recordações e fragmentos, a história de vida fica ali para que um dia alguém jogue fora. Não mais o texto estruturado enquanto narrativa, mas muito papel de bala, de chiclete, muita entrada de show, de cinema, papel de chocolate, muita comida, muita dieta: “comi lasanha, almoçamos na tia Li”, “almoço no Diego e eu não vou!!!”, “49 kg. Estou me sentindo uma baleia”, “Comi cinco Sonhos de Valsa. Vou colar aqui todos os papéis para sentir remorso!!!” (...e cola as cinco embalagens dos Sonhos de Valsa).

No campo do literário uma obra pode ser considerada romântica quando valoriza a subjetividade e a imaginação nos modos de expressão. Mas vai além: um modo de ser romântico está muito mais relacionado à fragmentação do indivíduo e às formas de expressão. As agendas são feitas desses textos, mas, mais do que isso, elas parecem querer revelar a impotência das palavras. Daí o jogo quase infantil de formas e cores para preencher vazios.

Na ludicidade, no prazer de pintar, recortar, colar e desenhar e na conquista de uma forma de expressão sobre a qual só a escrita feminina tem controle, as agendas legitimaram-se como o texto da diferença: “Agenda de garota é a coisa mais inútil que existe. Elas colocam papel de chocolate, de bala, contam todos os detalhes da vida amorosa. Ridículo!” Nessa fala autoritária de um garoto de 15 anos aparece a rediscussão das relações entre o masculino e o feminino, vistos como lugares textuais tensos, e a impossibilidade da leitura e da interpretação de certos códigos, que deliberadamente marcam a diferença. É uma diferença, aliás, que não é apenas sexual e que não se dá de maneira assimétrica ou contrastante, mas que se processa por um tom, uma cor, uma dicção e um ritmo próprios. Sei que estou caindo na armadilha da oposição binária, homem e mulher, mas não há como não ler aí um sujeito que cria a si mesmo enquanto fala, enquanto texto, à procura de uma linguagem peculiar que marque seu lugar no mundo.⁵

Meninos escrevem agenda? Surpreendentemente, durante a minha pesquisa recebi uma carta de um menino e uma agenda para examinar. A carta foi resultante de uma crônica que meu orientador, Affonso Romano de Sant’Anna, escreveu, intitulada “Agenda de menina”, quando leu meu texto “Meninas atrevidas, o que é que não vão dizer?” Eu trouxe a carta na íntegra, mas vou ler umas passagens.

Caro Sr. Affonso: Fiquei um pouco magoado ao ler no domingo, 7 de agosto, sua crônica. Menino tem agenda, sim. O senhor não está bem informado ou é uma idéia pré fabricada. Se o senhor for no meu colégio vai ver muitos meninos com agenda. Na agenda de um menino tem assuntos diversos, tem endereços, tem fotos de revistas masculinas, tem recortes, tem letras de música. É claro que a gente não escuta: Escreva seus segredos. Isso é ridículo!!! Sabe que no meu colégio Santo Inácio é capaz de ter mais agendas de meninos do que de meninas? Outra coisa: eu e meus amigos temos caderno de composições e eu tenho um caderno com 9 histórias que eu mesmo escrevi. A sério. Tenho 13 anos, estou na 7ª Série e meu nome é Jardel Sebba Filho.

O protesto de Jardel me levou a querer ler a agenda de João Guilherme, também de 13 anos, trazida para mim pela sua mãe, com o seu consentimento. Na agenda do João descobri que, mais do que uma agenda, João escrevia literalmente um diário:

Hoje aconteceu uma coisa muito triste. Meu pai, minha mãe, minha irmã e eu íamos passar o dia no Parque Beto Carreiro. Estava tudo organizado. Só que a minha tia, irmã do meu pai, morreu e tivemos que ir para o enterro. Nunca mais meu pai vai querer ir para o Beto Carreiro com a família. Tia, eu gostava muito de você, gostava de quando vinha na minha casa e eu ia na tua, mas não foi uma boa você morrer hoje. Seu EX-sobrinho João.

Que outras narrativas de si escrevem os meninos? Esta é uma pesquisa ainda por fazer. João e Jardel me deram as pistas. Precisamos também saber o que eles dizem... Meu texto poderia terminar aqui, mas descubro que está havendo a revitalização de diários. Se a adolescente ainda gosta de ganhar agenda, descubro que no rito de passagem para a vida

adulta ela recupera a forma diário e a correspondência para falar de si.

No programa de Serginho Groissmann, nas altas horas do sábado para domingo, surpreendo-me com a inclusão inesperada do tema diário, a partir da resposta dada pela jovem da plateia ao ser entrevistada: “O que mais gosto de fazer? Escrever o meu diário, respondeu ela.” O entrevistador foi tomado de surpresa, pois pensava, por certo, que em 2005 uma jovem de 17 anos jamais escrevesse um diário tradicional. Então, ele leva adiante o tema e pergunta: “Como você começa seu diário, todos os dias?” E ela, sorrindo: “Querido diário.” Ele lança, então, a pergunta, para a plateia (e muitas mãos levantam) e para as três artistas que estavam sendo entrevistadas, coincidentemente mulheres. Com exceção de Alcione, Débora Falabela e Elba Ramalho, vindas de diferentes contextos, afirmaram que escreveram diário por muitos anos.

Convivendo com Júlia, que sempre usou sua agenda para narrar o que fez durante o dia (e não seus segredos íntimos), e com minhas bolsistas de iniciação científica, alunas da graduação, que nas descobertas de seus 17, 18, 19, 20 anos, geração do computador, têm me acompanhado nos segredos da cibernética, eu não poderia deixar de falar no que hoje parece ser outro desejo de muitos adolescentes iniciados e com acesso à internet: ter seu *blog*, ter seu *flog*, ter amigos no Orkut. Seus diários na internet vão além dos diários íntimos ou da ludicidade das agendas.

A internet ofereceu uma nova mania chamada *blog*. É possível, então, um diário absolutamente aberto? Esta página virtual e interativa tem muitas vezes conteúdo de diário, e pode-se ler de tudo num blog. De política ao fim de um relacionamento. Do primeiro beijo à descrição de um filme clássico. Não vou poder me deter em nenhum deles, embora sejam muito interessantes, mas quero contrapor uma observação. A maior parte dos pesquisadores que têm estudado a intimidade dos *blogs*, especialmente os femininos, tem os lido pelo viés do exibicionismo. Eu, ao contrário, leio como mais um sintoma da solidão contemporânea.

O diário tradicional não queria ser lido, a agenda não visava a um interlocutor imediato; o diário na internet almeja não só à leitura, mas a um *post*, um comentário. Um registro formal de quem o leu e não apenas o visitou. Alguns leitores de *blogs* acompanham esses diários virtuais como capítulos de uma novela. Os próprios blogueiros, na maioria das vezes, são leitores uns dos outros. É por isso que são chamados “vizinhos” na rede. A explosão dos escritos íntimos na internet leva, então, a uma questão interessante: é possível voltar aos seus escritos e refazê-los a cada dia, a cada hora. O blogueiro parece ter um prazer inconfessável de passar a sua vida a limpo.

Nessa trajetória que fiz sobre narrativas de intimidade, o meu texto chega a 2.008. Atualmente eu pesquiso com

bolsistas de iniciação científica e alunos de graduação, porque eles fazem parte deste universo e dominam essa nova linguagem, comunidades de leituras no Orkut. O que objetiva o Orkut? Formar uma rede social onde você possa ampliar e recuperar amigos, fazer o seu perfil, dizer quem é você, seus gostos, suas preferências, para receber depoimentos, ter fãs, mandar mensagem, colocar fotos. Uma parte da tua intimidade em um *site* que te exhibe para aqueles que fazem parte desta intimidade. A base do Orkut é: *Só entra quem é convidado*. O criador do programa, quando perguntado em uma recente entrevista, se entendia a razão de o Orkut ter tido tanta receptividade no Brasil, disse que não sabia a resposta, mas acreditava que a razão era a personalidade amigável dos brasileiros.

Quero registrar que no próprio Orkut há comunidades que se dedicam a falar de seus diários na internet. A comunidade “Ninguém comenta o meu blog, o meu flog” tinha 1.009 participantes. O mais interessante é que o apelo para você participar desta comunidade é: “Se você acha que tem talento, mas ninguém o valoriza, se você é um ser humano, esta é a sua comunidade. Vamos nos juntar para formar um oligopólio de comentários para satisfazer o nosso ego”. Há uma outra comunidade, com 481 membros, que é “Eu odeio blog, flog e fotolog, essas coisas inúteis”. Com 330 membros você encontra “Eu tenho um blog”. Com mais de 2.294 membros: “Eu amo meu blog” e, com 955 membros, “Eu tenho blog, flog, MSN.

Uma rede de escritor@s ansiosos por leitores... Uma comunidade de destinos. Este meu texto, que começou pela escrita feminina no século XIX da intimidade, parece encontrar nessas formas de intimidades públicas veiculadas pela internet a superação dessa interdição entre as escritas masculinas e femininas. O sexo dos textos parece aqui ser superado. Ou ainda mantém a diferença?

Mas eu quero retomar o início de minha escrita, quando falava das cartas e do que elas significaram para a história das mulheres, enquanto narrativa de si e lugar da memória. E aqui eu recupero o lugar teórico desta minha reflexão. Para mim, nessa trajetória que procurei tratar entre a ficção doméstica, como costumavam chamar a escrita das mulheres do século XIX, e os *e-mails* trocados no século XXI, nas tratativas de nossa vinda, quero privilegiar a correspondência. Por essa razão, é para a correspondência que reservo o espaço teórico de uma reflexão mais profunda. Trago para dentro deste texto as mulheres que pensam a carta como o lugar privilegiado das narrativas de si e do lugar da memória. A carta, a correspondência, é ainda o que nos resta de privado neste milênio em que nos sentimos como se estivéssemos expostos em vitrinas.

Käte Hamburger entende que a correspondência é sempre um documento histórico que abriga testemunhos pessoais, sendo igualmente histórico o sujeito dessa enunciação.⁶ Sophia Angelides, mais cautelosa, pondera que as cartas de

um escritor podem figurar como objeto de fruição estética, no qual literário e extraliterário se alternam, embora admita que, de modo geral, as missivas nascidas das mãos das mulheres “constituem fragmentos valiosos que refletem a personalidade do sua autora, o seu ambiente e as circunstâncias que envolveram seu trabalho criativo”.⁷ Poderíamos daí entender que escrever cartas é, assim, um pequeno ofício “literário” no sentido mais restritivo e convencional desse termo, pois ao escrever uma carta não se pode fugir a um código que modela e altera o que tão simplesmente queremos e gostaríamos de dizer.

Olhar semelhante é apresentado por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib, ao mencionarem, na coletânea *Prezado Senhor, Prezada Senhora*, que as correspondências – ou a literatura epistolar, como preferem nomear –, apesar de ocupar uma zona intermediária entre o ficcional e o histórico, a ficção e o documento, podem ser tomadas como fonte privilegiada ao desvendamento dos universos público e privado, pois também figuram como autorretratos e decalques de relações pessoais e sociais. Para Nádia Battella Gotlib, a epistolografia, como gênero híbrido, constitui campo fértil às diferentes instâncias das experiências do relato e se presta ao cumprimento da tarefa de aproximar remetente e destinatário, “tendo em vista, fundamentalmente, a incontável necessidade de contato e de mútua aproximação, durante a ausência do outro”.⁸

Oi, Tânia,
Fiquei com vontade de te contar algumas coisas. Tive agenda por muito tempo. Muito tempo mesmo. Só que as rasguei e queimei quando descobri que minha mãe as lia também há muito tempo, há muito tempo mesmo (rsrsrs...). Depois disso comecei a escrever cartas. Escrevia, escrevia, escrevia quase como um diário. Um dia resolvia colocar um ponto final, colocava em um envelope e mandava para minhas amigas. Poderia usar o telefone para dizer a elas um monte de coisa mas não dava o mesmo prazer, eu penso. As cartas continham coloridas como sempre. Cheias de coisinhas. Eu queria que alguém lesse e preferia que fossem minhas melhores amigas.

Escrevi também muito para um namorado que eu tive há uns dois anos. A gente se via sempre, mas mesmo assim eu o enchia de cartas, bilhetinhos, recados. A recíproca não era a mesma, é claro. Homens não conseguem transformar o que sentem em palavras. Ah, minha canetas não são mais florescentes. Mas os lápis de cor e as canetinhas ainda fazem parte do ritual.

Tenho vontade de ter aqueles diários antigos com chave, mas não sei se eu conseguiria escrever uma coisa que ninguém pode ler. Não tenho flog, nem blog. Visito flogs e blogs de meus amigos, deixo uma foto, uma palavra e deu. Não tenho muita paciência para ler tudo o que escrevem. Não acredito que os blogs substituam as agendas, os diários e as cartas... E os segredos mais íntimos como é que ficam? Curto o Orkut. Acho, porém, que ele é um pouco viciante... Mas como pode ver o que eu gosto mesmo é de uma carta. Não sei se sou a única... Sei que você gosta. Sem querer te escrevi uma, mesmo mandando por e-mail. Beijinhos Cristina.

Recuperei o e-mail que Cristina, minha aluna de graduação em Letras, me escreveu recentemente, para terminar este artigo. Se fui prolixa parece que Cristina conseguiu a síntese. Nos seus 19 anos e hiperbolicamente me dizendo

que escreveu agendas durante muito, mas muito tempo, surpreendentemente ela me aponta a escrita feminina para outra direção: a da correspondência, espaço que merece o destaque merecido. Para mim escrever cartas é a grande vitória das narrativas de si: os textos escritos para um determinado destinatário; um texto explicitamente desejando a leitura; um texto perverso, porque a correspondência para existir precisa de distância e ausência, e a privacidade, a intimidade, só podem ser invadidas se fôssemos como antigamente para o bico da chaleira, tentar, sem deixar pistas, abrir o envelope...

Mas isso seria uma outra pesquisa. O que eu quis registrar foi este potencial feminino para a palavra escrita. As 108 escritoras do século XIX nos dois volumes organizados por Zahidé Muzart (um terceiro volume está no prelo), as duas antologias organizadas por Luiz Rufatto,⁹ as agendas, os *blogs*, os *fatologs*, as comunidades no Orkut,¹⁰ as professoras, as secretárias, as revisoras de textos, as jornalistas, as poetisas, as romancistas, as estudantes de letras, predominantemente femininas, são as mulheres que fazem da palavra a sua arma, que fazem das 23 letras do alfabeto o seu potencial... Sim, nós escrevemos... Ou como diria a poeta Cláudia Roquete Pinto nesta minha experiência de leitura desta escrita feminina: “*ESCRITA / é sempre você / quem me resgata / do limiar do iminente nada.*”¹¹

Narratives of self: the places of memory

Abstract

A short history of female writing as an attempt to show that invisibility can be brought about by a patriarchal history and by power relations. However, from travel literature to the age of cybernetics, a lot has happened along the literary history written by women.

Key words: Literature. Female writing. Cybernetics.

Notas

- ¹ Sobre Júlia Lopes de Almeida e a escrita feminina recomendo o importante estudo de Nadilza Moreira. *A condição feminina revisitada*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003.
- ² MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999 e 2004. v. I e II.
- ³ RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Talentos e formosuras. *Cerrados – Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura*, Brasília: UnB, v. 11, n. 12, p. 101-111, 2002.
- ⁵ Desenvolvi esta pesquisa sobre agendas e a publiquei com mais detalhes no ensaio publicado no livro *Refúgios do eu*, organizado por Maria Teresa Santos Cunha, Ana Cristina Mignot e Maria Helena Bastos, publicado pela Editora Mulheres em 2000.
- ⁶ HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1983. (Col. Debates).
- ⁷ ANGELIDES, Sophia. *Carta e literatura: correspondência entre Tchêkhov e Górkí*. São Paulo: Edusp, 2004.
- ⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia. *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ⁹ RUFATTO Luiz (Org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. São Paulo: Record, 2004; RUFATTO Luiz (Org.). + *30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. São Paulo: Record, 2005.
- ¹⁰ Jurema Chagas defendeu em 2007, na UFSC, no Programa de Pós-Graduação em Literatura, a dissertação *Blogs pessoais*. A representação do eu na era cibernética, e dá com a sua pesquisa uma boa contribuição ao assunto. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0274-D.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2009.
- ¹¹ ROQUETE-PINTO, Cláudia. (dia das mães). In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 331.